

UM PUNGENTE E EFETIVO ESFORÇO PARA DESTERRAR/ DESENTERRAR DAS SALAS DE ESPERA AS VALAS DO COMUM,

por Alexandre Mate¹.

Seja nas ditaduras sangrentas ou nas pseudo e formais democracias, no que se refere, à gente dita “comum” (leia-se pobre e periférica) ou àquelas transgressoras (pelos mais diferenciados motivos), manter-se vivo é infindamente muito mais difícil. Viver nos países periféricos não é fácil, mas para aquelas pessoas colocadas à margem, sobreviver demanda o uso permanentemente de todo o tipo de estratégias táticas.

Particularmente, já me “aventurei” em distintas e difíceis jornadas, mas nunca de modo intermitentemente cotidiano. Já andei de metrô (linha vermelha), por volta das 18h no sentido de Itaquera (subia na Barra Funda e tinha de disputar a necessidade de sair do vagão... na estação Brás). Tanto no trajeto (dentro do vagão) como na hora de descer era algo inacreditável... Total desrespeito a tudo que poderia ser considerado básico (gente velha, mulheres grávidas, crianças, pessoas com deficiência...). Ministrei um curso no bairro, até ganhava bem, mas não aceitei a continuidade. Era extremamente difícil viver aquilo. Na estação Barra Funda, dentro dos vagões e na estação Brás... a vontade era de chorar, intensamente e de jogar bombas nas autoridades que promoviam aquele processo inumano!

Em determinado momento de suas criações, Mariana Colasanti escreveu *Eu Sei, Mas Não Devia*, em determinado momento aparece:

[...] A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. [...] Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

Viver é desafio permanente! Muito-muito se deve fazer no sentido de vencer as barbáries. A chamada consciência política nos ajuda de alguma forma, quantos aos caminhos e estratégias de que se devemos utilizar para nosso equilíbrio pessoal e social. É fundamental deliberar quanto aos caminhos e ações que possam nos (re)equilibrar.

O Grupo Pandora de Teatro, cujo epicentro se encontra em Perus, foi formado em 2004. Coletivo teatral absolutamente imerso em sua comunidade e território, em 2018, diante das descobertas de vala comum, que tentou esconder e livrar-se dos corpos dos assassinados (sobretudo por tortura) pelos alagoes da ditadura civil-militar brasileira, embrenhou-se na luta para levar para a linguagem teatral aquele ato inumano de execução de pessoas.

Na vala comum foram encontradas (se captei de modo correto) 1564 ossadas. Lucas Vitorino que escreveu e dirigiu o espetáculo mescla em suas criações, expedientes do teatro épico e de expedientes do drama. A narrativa é construída imbricando distintos momentos históricos (cujas historicidade ocorre em saltos não lineares de tempo) e cria uma obra épico-

¹ Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.

dramático-experimental, por meio do entrecruzamento das esferas pessoais e coletivas. A obra, em tese prioriza a trajetória de dois jovens, bastante diferentes, que, pouco a pouco, vão se descobrindo seres de consciência e que participam da luta política contra ditadura e seus algozes.

A força do teatro épico narrativo (e o conjunto de cinco atuantes, permanentemente dirige-se ao público), nas investidas dramáticas perde a sua força motivadora e real. É possível entender que as intenções por parte do coletivo buscavam trazer para perto pessoas habituadas às linguagens da televisão e do cinema, mas as “demonstrações óbvias” enfraquecem o assunto. Em momentos de deliberação estética e de criação artística, é preciso ponderar sobre o uso de expedientes que possam ajudar a transformar as consciências, principalmente de natureza política.

Muitas das cenas dramáticas são longas e permitem compreender que o processo foi coletivo. Possivelmente, para incorporar as sugestões, quanto às pesquisas individuais (na interpretação e na música), Lucas Vitorino (que é uma pessoa boníssima) abrigou-as e inseriu-as.

Do ponto de vista cênico, o espetáculo se faz pelo uso de fontes documentais (tratamento característico do teatro documentário) e pelo uso de distintos expedientes do teatro épico brechtiano: narrações: das personagens e de alguns criadores/ras; uso de episódios curtos (mesmo que dramáticos), com alguma autonomia temática; projeções em vídeo; de imagens e textos escritos; uso de expedientes de teatralidade. Trata-se, sem dúvida de um espetáculo complexo e excessivo, possivelmente, como precisa ser!

Durante a roda de conversa, insisti muito quanto à importância que certas manifestações têm. Alguns espetáculos, realmente, são necessários, essenciais. Assistir, por exemplo, à montagem *Ponto de Partida* (1976), cujo texto era de Gianfrancesco Guarnieri, e que tematizava o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, no Teatro Taib, caracterizou-se, também, em ato de coragem. No caminho, esparrados pelo chão, panfletos alertavam que no teatro, onde a obra “comunista” se apresentava, havia bombas, colocadas por grupos paramilitares.

Algumas obras, quando o conjunto criador sabe os motivos pelos quais se “apresenta e está no mundo” também, por intermédio de suas criações, tudo pode “girar” muito e inquietadamente melhor. Escolas, em momentos de barbárie exacerbada, não apresentam os acontecimentos à estudantada; veículos de comunicação de massa, para o giro da roda capitalista, tende a se calar; as artes, impedidas por todos os tipos de censura, têm de escorregar no desvio ou quanto ao uso de metáforas...

Imagino que nas ações mais afastadas dos grandes centros (ou mesmo neles), *Comum* se caracterize em um assombro ao revelar tantos escondidos. Trata-se, portanto, de uma obra de desenraizamento, de desengavetamento essencial: das memórias, das histórias pessoais, da história social.

Ter programado a obra para figurar da 6ª edição da “Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena” é marcar, efetivamente, um distinto e determinado lugar quanto à força e essencialidade do teatro em nossas vidas (das gentes que lutam contra as mais distintas

formas de barbárie). Como apontado ontem, na roda de conversa, reverencio de modo escrupuloso a montagem, coragem e compromissos do Grupo Pandora de Teatro e peço licença para terminar com um pequeno excerto esta leitura. Trata-se de trecho de *Teses Sobre o Conceito de História*, de Walter Benjamin que, em uma de suas passagens, afirma:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a receberam. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador, ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.